

# NICINHA DO SAMBA: TRAJETÓRIAS E AÇÕES EDUCATIVAS DA Matriarca DO SAMBA DE RODA DO RECÔNCAVO BAIANO<sup>1</sup>

Etelvino Góes Filho<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo pretende apresentar e discutir parte das ações pedagógicas desenvolvidas pela matriarca do samba de roda do Recôncavo, a Dona Nicinha. Nascida em Santo Amaro da Purificação, Dona Nicinha, mulher negra, cresceu imersa no mundo da cultura afro-baiana; casas e terreiros de Candomblé, rodas de capoeira, maculelê e, principalmente, de samba, a sua maior paixão. Nesta pesquisa, desenvolvida, em sua maior parte, a partir da metodologia da História Oral, procuro apresentar a importância da educação não formal não apenas na vida dessa mulher, mas ainda daqueles que estão no seu entorno. É, por meio do samba, que Dona Nicinha procura ensinar os valores, as experiências e o legado da ancestralidade negra no Recôncavo Baiano.

**Palavras-chave:** Cultura afro-brasileira. Educação não-formal - Recôncavo (BA). História oral - Santo Amaro (BA). Nicinha, do Samba - Biografia.

## ABSTRACT

This article intends to present and discuss part of the pedagogical actions developed by the matriarch of the samba de roda of the Recôncavo, Dona Nicinha. Born in Santo Amaro da Purificação, Dona Nicinha, a black woman, grew up immersed in the world of Afro-Bahian culture; Candomblé houses and terreiros, capoeira, maculelê and, above all, samba, his greatest passion. In this research, developed, for the most part, from the methodology of Oral History, I try to present the importance of non-formal education not only in the life of this woman, but also of those who are in her surroundings. It is through samba that Dona Nicinha seeks to teach the values, experiences and legacy of black ancestry in the Recôncavo Baiano.

**Keywords:** Afro-Brazilian culture. Nicinha, do Samba - Biography. Non-formal education - Recôncavo (BA). Oral history - Santo Amaro (BA).

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Igor Fonseca de Oliveira.

<sup>2</sup> Graduado em Museologia, Bacharel Interdisciplinar em Cultura e graduando no curso Tecnológico em Política e Gestão Cultural/CECULT pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Especializado em História da Bahia pela Faculdade São Bento da Bahia e licenciando em História pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

Santo Amaro da Purificação é conhecida como o celeiro cultural do Recôncavo da Bahia. Nela, nasceram personagens importantes da cultura popular nacional como, por exemplo, Caetano Veloso, Roberto Mendes, Theodoro Sampaio, Zilda Paim, Tia Ciata, Edith do Prato e Maria Eunice Martins Luz, mais conhecida como Dona Nicinha do Samba, a quem dedicamos o presente estudo.

Vale salientar, desde logo, que não pretendemos aqui desenvolver, mais precisamente, um estudo biográfico sobre Dona Nicinha, mas sim compreender como ela vem desenvolvendo um processo educativo por meio do samba de roda em Santo Amaro da Purificação. Trata-se, nesse sentido, de um estudo que adota o conceito de educação não formal que, de acordo com PINTO (2007, p. 47), pode ser considerada como uma proposta educativa que pode superar os problemas não resolvidos do sistema formal de ensino.

Em suma, pensar o Samba de Roda como um processo de educação não formal, nos permite entender e compreender não apenas a própria vida de Dona Nicinha, mas ainda a importância do processo de ensino e de aprendizado sociocultural para aqueles e aquelas que estão no seu entorno, os quais a reconhecem enquanto mulher negra, sambadeira e mestra.

Santamarense, de origem simples, sem qualquer espécie de privilégio, Dona Nicinha cresceu em meio ao Candomblé e imersa na cultura afro-baiana; o que não a impediu de, em certa medida, ser ainda próxima da Igreja Católica. Isso a levou a conhecer, desde muito nova, espaços importantes da cultura negra do Recôncavo Baiano como, por exemplo, terreiros, rodas de capoeira e de danças como o maculelê e, mais intimamente, o samba de roda, sua maior paixão e onde ela se destacaria enquanto matriarca do Grupo Raízes de Santo Amaro.

Minhas discussões sobre Dona Nicinha serão aqui desenvolvidas em duas partes, as quais, obviamente, se complementam, alcançando, assim, o objetivo principal desse estudo: entender como o samba de roda permite a Dona Nicinha desenvolver um processo educativo dentro da perspectiva não formal de ensino. Nesse sentido, na primeira parte, irei desenvolver uma análise de como o samba de roda pode ser entendido e compreendido como um espaço educativo não formal. Nesse momento, apresentarei e discutirei os ideais de autores como, por exemplo, Maria da Glória Cohn (2011), a qual aponta a relação entre os movimentos sociais e a

educação. Já na segunda parte, analisaremos, mais precisamente, as ações desenvolvidas por Dona Nicinha, dando destaque para o processo educativo que ela desenvolveu e desenvolve por meio do samba de roda na região do Recôncavo Baiano, sobretudo em Santo Amaro da Purificação. Nessa parte do estudo, analiso sobretudo os dados que obtive por meio do método da História Oral.

## **2 O SAMBA DE RODA DO RECÔNCAVO NA PRESPECTIVA DE APRENDIZAGEM NÃO FORMAL**

Em um país como o Brasil, de ampla diversidade cultural, precisamos reconhecer que muitas expressões culturais cumprem papéis pedagógicos importantes dentro da sociedade. No estado da Bahia e, mais especialmente, no Recôncavo Baiano, podemos encontrar diversos exemplos nesse sentido. Todavia, diante dos propósitos desse estudo, centrarei minhas análises apenas no samba de roda.

Foi no ano de 2004 que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – reconheceu o Samba de Roda enquanto patrimônio cultural Imaterial do Brasil. No ano seguinte, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO – reconheceu o samba de roda como Obra Prima da Humanidade. Já em 2006, pouco depois de ser reconhecido como Patrimônio Imaterial Cultural da Bahia, o samba de roda acabou sendo registrado no Livro de Registro Especial das Expressões Lúdicas e Artísticas.<sup>3</sup>

Não restam dúvidas da importância do samba de roda para a Bahia e, mais precisamente, para o Recôncavo Baiano, onde as suas expressões musicais, festivas, poéticas e coreográficas podem ser encontrados em diversos municípios como, por exemplo: Saubara, Cachoeira, São Felix, Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus, Maragogipe, Castro Alves, Dom Macedo Costa, Sapeaçu, Santo Amaro da Purificação.

É neste espaço de ampla diversidade cultural que o samba de roda ecoa, contribuindo de sobremaneira para o reconhecimento de uma ancestralidade e identidade negra e ainda para o desenvolvimento de um processo educativo e

---

<sup>3</sup> Dossiê do Samba de Roda – IPHAN, 2006.

pedagógico. Isso porque, em um samba de roda, em meio a cantos e danças, pode ser encontrado um rico processo de aprendizagem, ainda mais quando consideramos o que indicou BRANDÃO (2013, p.7):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar para aprender – e – ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para ser ou conviver.

O Samba de Roda surge, desse modo, com uma das expressões artístico culturais que mais podem desenvolver o processo educativo. É na ação e interação cultural e coletiva que os sambadores e as sambadeiras aprendem e, porque não, ensinam. Trata-se de um processo educacional não formal, desenvolvido a partir de ensaios e reuniões rotineiras que, certamente, extrapolam o caráter lúdico. Lembremos que, para GOHN (2001, p. 101), o espaço também é algo criado e recriado segundo os modos de ação prevista nos objetivos maiores que dão sentido ao fato de determinado grupo social estar se reunindo. São nestas reuniões e ensaios musicais que acontece todo aprendizado baseado nas letras e histórias cantadas no ritmo do samba de roda. Podemos perceber isso, por exemplo, na música e letra cantada pelo mestre João do Boi<sup>4</sup>, onde se diz:

Meu balaio, meu balaio, meu balaio  
 meu balaio, meu balaio, meu balaio  
 tira o maxixe da rama, bota o quiabo no pé  
 tira o maxixe da "gaia", eu vou  
 eu vou com meu barco anda no mar  
 o vento bateu na vela  
 Balaio meu, balaio de opinião  
 moça que não tem balaio  
 senta as "cadeira" no chão!

O rebolado que ela faz, o rebolado que ela faz  
 eu vou atrás pra ver, eu não posso mais  
 eu vou deixar minha marcação  
 atrás dessa garota anda muito gavião!  
 eu vou jogar vou beber até cair  
 me dá, me dá, me dá, me dá um dinheiro aí  
 Quando eu dou minha risada, ha ha  
 quando eu dou minha risada, ha ha

Ô violeiro, toca viola sereno  
 ô violeiro, toca viola sereno  
 quem sabe lê não trabalha  
 só "veve" com a mão na pena  
 ô violeiro, violeiro, toca viola serena, ha

---

<sup>4</sup> Compositor, cantador e tocador de chulas é mestre da cultura popular do recôncavo baiano, santamarense e morador do distrito de São Braz.

Aprender a ler, vô aprender a ler  
aprender a ler pra dar lição a meus camarada  
ê he, meus camarada

A música Samba, *cachaça e viola*. Nela, percebe-se não apenas parte do cotidiano dos serviços desenvolvidos nas plantações, mas o lazer; era associado a agricultura, na pesca, no barco do pescador (barco, mar, vela), no trabalho da roça (balaio, maxixe, rama, quiabo, pé, gaia) e sua prática de viajante; a mulher nesta relação, bem como as funções que são atribuídas; seu rebolado e a risada que é uma ação importante na vida do sambador. Neste sentido, a canção é um processo educativo não formal, onde é passada através da memória histórica e cultural.

Para Cordeiro, Parcerro (2017, p. 11) “Na primeira estrofe, os atributos físicos e a performance feminina durante a dança são destacados”. Já autora, Nina Graeff (2015, p. 47), “[...] balaio refere-se ao traseiro da dançarina, ou ao seu talento de balançá-lo, pois se ela não tem balaio, fica sentada com as ‘cadeiras’, isto é, com os quadris no chão”.

É sua história de vida sendo cantada e suas expressões culturais sendo apresentada a partir de cantos e versos. É o que Freire (1997) relata “a alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra. Porque mesmo sendo estes mestres não alfabetizados, sua canção fala por si só o seu aprendizado ou ainda, o método de Paulo Freire é, fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza (Freire, 1997, p.29).

A música (ela conta muitas histórias) é uma peça importante no samba de roda, sua melodia e sua harmonia ajuda no processo de aprendizagem principalmente para as mulheres, onde fazem as vozes mais graves. As Músicas são narrativas em suas letras que trazem as histórias de vida.

Tal como aponta CARVALHO (2009, p. 10), entre os demais modelos de educação, a não formal se caracteriza “como o processo contínuo de aquisição de conhecimentos e competências que não tem caráter intencional (não tem objetivos pré estabelecidos) e é mediado por tudo que o indivíduo vivencia em seu ambiente e em suas relações”. Nesse modelo, a aprendizagem se desenvolve dentro de uma perspectiva mais democrática do saber.

Sobre ainda as principais características da educação não formal, AFONSO (1989) destaca o seu caráter voluntário, a sua descentralização e a sua pouca formalização e hierarquização. Também destacou o quanto esse modelo de educação

promove a socialização, a solidariedade e o desenvolvimento, preocupando-se, essencialmente, com a mudança social do indivíduo. Paulo Freire (2020) nos ensinou, por sua vez, que a educação pode ocorrer muito além dos espaços tradicionais.

Segundo BELLE (1982), o termo educação não formal começou a ser usado nos finais da década de 1960, a partir de um contexto político e social que parecia ser propício para a criação de novos espaços educativos. Essa educação, como aponta PÉREZ (1997), surge como um âmbito da educação social, como um:

um modelo de intervenção socioeducativa, caracterizado por ocorrer através de uma metodologia participativa destinada a gerar processos auto organizativos, individuais, grupais e comunitários, orientados ao desenvolvimento cultural, social e educativo de seus destinatários.

Na contemporaneidade, a educação não formal, mesmo sendo pouco reconhecida e, até mesmo, negligenciada, ocupa um espaço educacional de suma importância, sobretudo no interior das comunidades locais. É lá que se desenvolve a experiência da aprendizagem. Pode-se dizer que é o espaço pedagógico que complementa os maiores recursos complementares. O samba de roda, uma das expressões artísticas, culturais e musicais mais apreciadas do Recôncavo Baiano, conta, atualmente, com quinze casas: a matriz ASSEBA (Associação de Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia); a Casa do Samba Terreiro das Umburanas, na cidade de Antônio Cardoso; a Casa do Samba Dona Chica do Pandeiro, no distrito da Matinha, em Feira de Santana; a Casa do Samba Dr. Deraldo Portela, em Irará; a Casa do Samba de Mestre Raimundo, na cidade de São Sebastião do Passé; a Casa do Samba Dona Alvina, em Simões Filho; a Casa do Samba Mestre Celino, em Terra Nova, a Casa do Samba Mestre Domingos Sal, em Conceição do Jacuípe, a Casa do Samba de Roda Dona Dalva, na cidade de Cachoeira; a Casa do Samba Dona Cadú, em Maragogipe; a Casa do Samba Mestre Pedro Joaquim, na cidade do Teodoro Sampaio; a Casa do Samba Sambadeira Evangelina Conceição Dona Vanjú, em São Felix; a Casa do Samba Santa Cruz, em Salvador; a Casa do Samba Zé de Lelinha, em São Francisco do Conde; a Casa do Samba Franzinha; e a Casa do Samba de Santo Amaro.

Tais casas, criadas e mantidas com o intuito de preservar e auxiliar na divulgação do samba de roda no Recôncavo Baiano e em seu entorno, são espaços ainda da memória e da História da resistência cultural das populações negras dessa

região. Nelas ocorrem, além de oficinas de samba de roda, oficinas de produção de indumentárias, de criação de viola Machete, e de outros instrumentos musicais usados no samba de roda.

Segundo alguns estudiosos, são nesses espaços que podem ser encontrados e desenvolvidos, mais precisamente, o processo educacional por meio da prática. Segundo LIBÂNEO (2002), a educação não-formal pode ser desenvolvida por meio de organizações políticas, profissionais, cientistas, culturais, educação cívica, educação ambiental, agências formativas para grupos sociais específicos, meios de comunicação de massa, propaganda, sindicatos, partidos, educação de adultos, formação profissional. Já GOHN (2006, p. 35) indica que a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, por meio dos processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. BELLE (1982, p. 174), por sua vez, indicou que a educação não formal, talvez em maior medida do que a educação formal, se encontra plenamente associada a diferenças socioeconômicas, de gênero e identidade étnico-religiosa; elementos esses que são rapidamente encontrados quando se adentra em qualquer uma das casas mencionadas acima. Fortalecendo o pertencimento, essas casas, por meios das suas reuniões, ações e interações com a sociedade, promovem não apenas a propagação de um dado conhecimento, mas o exercício de cidadania.

O samba de roda pode ocorrer o ano inteiro. No entanto, ele recebe maior destaque em determinadas datas ou períodos do ano, mais precisamente nas comemorações e nas manifestações religiosas do catolicismo popular e afro-brasileiras como, por exemplo, o caruru de Cosme e Damião, nos cultos aos caboclos do Candomblé, nos ritos Nagô e Angola e nos festejos religiosos da Festa da Boa Morte, em Cachoeira.

Segundo Santos (2020, p. 2)

Foi neste contexto que surgiu o termo “sincretismo religioso”, pois os negros sentiam a necessidade de adorar seus orixás e cultuar sua religião. O Brasil formou sua religião embasada no sincretismo, pois a igreja católica, mesmo sendo dominante, foi influenciada pelo contexto local, assim precisou adaptar-se, por exemplo, à cultura indígena. A partir do momento que a Igreja Católica faz a fusão de elementos culturais desse povo na religiosidade, ela já configurou uma forma de sincretismo religioso.

É no catolicismo e nas manifestações afro-brasileira, que se acontece uma relação de convivência. Santo Amaro é uma das cidade em que o catolismo popular

tem uma relação muito presente, principalmente nas lavagem da cidade e na relação com o negro. Podemos citar a Lavagem da Purificação, onde eram os negros que faziam e na contemporaneidade essa lavagem vem com outro contexto. Hoje se passou a ser feita por pessoas da religião de matriz africana, que naquela época já era estas pessoas que faziam. É também nos festejos religioso que o samba de Roda está presente.

Não restam dúvidas acerca da importância e da relação entre o samba de roda e as muitas comemorações envolvendo os santos católicos e as religiões afro-brasileira. Segundo GRAFF (2013, p.16), na região do Recôncavo da Bahia, o ato de sambar sempre aparece associado ao ato de “comemorar através do corpo a própria memória e identidade”. Tudo se indicia a partir de uma roda. Nela, as pessoas estão posicionadas de um modo e de uma maneira que podem ser vistas, umas às outras. Há, no entanto, posições predeterminadas quanto ao sexo das pessoas que irão participar da roda. Enquanto os do sexo masculino, munidos dos seus respectivos instrumentos e a cantar canções estróficas e silábicas, se posicionam sentados e em semicírculo, as mulheres devem completar o círculo, posicionadas em pé, prontas para sambar, enquanto respondem as estrofes repetidamente.

É, desse modo, que o samba de roda se apresenta. Todos devem ocupar os seus respectivos lugares em um roda de samba. Homens e mulheres que, em meio a canções, cantos e danças, disseminam a sua História, valorizando o povo lutador, oriundo das roças de canas de açúcar do Recôncavo Baiano. Oriundo da África, podemos entender que não demoraria muito para que, nessa região, a qual concentra o maior número de casas religiosas de matrizes africanas, o samba de roda passasse a ocupar ainda os espaços das ruas, sobretudo em dias de comemoração.

Segundo SOUZA (2007, p. 3), nesses encontros

são cantadas e contadas histórias ligadas ao universo do samba, são trazidas a tona memórias. (...) Assim, constituem seus repertórios e trocam informações que denotam um aprendizado musical e histórico-social que se dá no nível das interações humanas com base na oralidade, modo este muito ligado às tradições do samba e das diversas manifestações da cultura popular.

Já GRAEFF (2013, p. 16) aponta que mesmo a roda de samba não celebrando uma data ou um acontecimento específicos, ela não deixa de ser um rito. Nela, podem

ser encontradas expressões, valores, costumes e símbolos da comunidade de escravizados africanos.

Trata-se de um espaço cultural, de preservação da memória e da ancestralidade, onde mestres e mestras estão a ensinar e, concomitantemente, a aprender, sempre por meio da oralidade. Sobre esse aspecto, FREITAS (2002, p. 50) indica que nesses lugares existem reais possibilidade de se compreender o indivíduo como sujeito no processo histórico. Já sobre o aspecto da oralidade, GOHN (2001, p. 106), indica que:

os procedimentos metodológicos utilizados nos processos de educação não-formal estão pouco codificados na palavra escrita e bastante organizados ao redor da fala. A voz ou as vozes, que entoam ou ecoam de seus participantes são carregadas de emoções, pensamentos, desejos, etc.

Não existe qualquer distinção de raça ou de credo religioso em um samba de roda. Todos podem sambar a partir do convite realizado pelos sambadores ou pelas sambadoras. Trata-se de um momento sim de descontração, mas que, especialmente para os personagens diretamente envolvidos, consiste ainda em um ato religioso e de (re)encontro com si mesmo, muito pelo qual muitos pedem licença aos seus ancestrais, antes de sambarem.

Isso pode ser notado no depoimento de Dona Dalva Damiana<sup>5</sup>, de 94 anos de idade. Sambadeira e moradora no município de Cachoeira, ela diz que “o samba é a vida, é a alma da gente”. Segundo ela, mesmo estando “com as pernas travadas de reumatismo”, com problemas de circulação e com “dores na coluna”, basta ouvir e sentir o “pinicado do samba” que ela fica sã, parecendo uma “menina de 15 anos.” Em outras palavras, o samba de roda cura, ao menos momentaneamente, as dores de Dona Dalva, permitindo que ela se reencontre com a alegria da sua adolescência.<sup>6</sup>

Esse depoimento atesta, em parte, uma outra característica muito presente no modelo de educação não-formal; o prazer pela prática. Segundo SIMNISON, PARK E FERNANDES (2007),

as atividades de educação não-formal precisam ser vivenciadas com prazer em um lugar agradável que permita movimentar-se, expandir-se e improvisar, possibilitando oportunidades de troca de experiências, formação de grupos –

---

<sup>5</sup> Dalva Damiana de Freitas, Sambadeira, cantora e compositora baiana. Nasceu em Cachoeira – Bahia/Recôncavo baiano.

de proximidade e de brincadeiras e jogos, no caso das crianças e jovens –, contato e mistura de diferentes idades e gerações.

São as experiências educacionais vivenciadas a partir do samba de roda de Dona Nicinha, em Santo Amaro, que procurarei, doravante, apresentar.

### **3 A MESTRA DONA NICINHA**

Maria Eunice Martins Luz nasceu no dia 17 de outubro de 1949, em Santo Amaro. Filha de Maria de Jesus Assis e Antônio Martins, ambos de origem pobre, ela seria criada, na verdade, apenas por sua mãe, a qual se sustentava por meio de lavagens de roupas. Nicinha, como era carinhosamente chamada, teve uma infância muito difícil, marcada, até mesmo, por carestia de alimentos. Em entrevista, quando perguntado como aprendeu a sambar, ela respondeu que “ninguém a ensinou a sambar”. Segundo ela, na sua época, enquanto os meninos de oito e nove anos de idade costumavam batucar em um “tamborzinho” de plástico, elas, as meninas, sambavam. Eles “batiam e a gente sambando”, explicou.

Nota-se que, desde cedo, sua História de vida estaria plenamente associada ao samba de roda. Foi, no entanto, a partir das comemorações de Santo Antônio, Santa Bárbara, São Roque e nos carurus de São Cosme e Damião que ela entrou em contato, mais precisamente, com o Samba de Roda. Hoje, Nicinha do Samba, como a denominam, conduz o Grupo Raízes do Samba, composto por dezenove integrantes, com sede no município de Santo Amaro. Fundado pelo Mestre Vavá, esposo de Dona Nicinha, na década de 1950, o grupo passaria a se chamar Raízes do Samba de Roda de Santo Amaro somente em 23 de junho de 1978.

Foi através do Samba de Roda que Dona Nicinha conseguiu mudar sua realidade de vida, obtendo, até mesmo, a oportunidade de sair do Brasil. No ano de 1982, ela encantou os países da Alemanha (inclusive na última Copa do Mundo de Futebol), França (diversas vezes) e em 2008 participou da Lavagem de La Madeleine em Paris, Dinamarca, Suíça, Holanda, Estados Unidos, Portugal, Itália, Dakar dentre outros. Nicinha fez também seu percurso no estado brasileiro dentre eles o Rio de Janeiro, Maceió, Brasília, Recife, São Paulo e não podia faltar o Estado da Bahia que se fez presente em sua maioria com o seu passo miudinho.

**Figura 1 - Nicinha do Samba**

Fonte: Cartilha do Samba.

Esta foto foi tirada na sede da ASSEBA, casa matriz do samba de Roda na cidade de Santo Amaro, no lançamento da Cartilha do samba Chula. A presença de Nicinha neste espaço é importante por ser uma das mulheres que mais contribuíram no samba de roda na cidade e por ser Mestre no samba de Roda, apesar de que a Mestre não praticar o samba chula e sim o corrido.

Trata-se, certamente, e como apontam diversos documentários, de uma das personagens mais importantes do samba de roda, desempenhando papel preponderante para a sua preservação, disseminação e reconhecimento enquanto Patrimônio Imaterial da Humanidade.

**Foto 2 - Nicinha do Samba<sup>7</sup>**

Fonte: Álvaro Ricardo.

<sup>7</sup> Nicinha do samba e o ex-scretario de cultura de santo Amaro, Senhor Francisco Porto, na lavagem da Igreja de Nossa senhora da Soledade- Acupe- Santo Amaro.

Nesta foto, Nicinha está participando da lavagem do adro da Igreja matriz de nossa Senhora da Soledade, no distrito de Acupe. Está com a Mestra nesta foto, ex-secretário Municipal de Cultura, o Senhor Francisco Porto, poeta, compositor, escritor. Nicinha sempre participa dos festejos populares da cidade.

Segundo Dona Nicinha, a preservação do samba de roda passa ainda pelo compartilhamento e ensino do que outrora aprendeu. Muito do que se coloca em prática em uma roda, acabou sendo repassado por sambadores e sambadeiras mais antigos. No caso de Dona Nicinha, a dedicação e os ensinamentos oriundos do samba de roda perpassam quatro gerações da sua família.

**Foto 3** - Nicinha do samba<sup>8</sup>



Fonte: Everton Borges.

Ao chegar na sua residência Nicinha nos recebe com sua risada que contagia cada pessoa que a visita. Esta foto foi tirada na entrevista para a pesquisa deste artigo pelo Estudante Etelvino em sua residência.

Quando questionei Dona Nicinha sobre os aprendizados que o samba de roda a proporcionou, ela mesmo indicou que “quanto mais” sambava, mais aprendia. Trata-se, como ela salientou, de uma “escola”, uma “faculdade”.

Sabe-se que o processo educativo no samba de roda não se desenvolve de abruptamente. É preciso que os indivíduos envolvidos participem de um processo contínuo, muitas vezes desenvolvidos a partir de um determinado grupo cultural com

---

<sup>8</sup> Foto tirada entrevista com a matriarca do samba de Roda e o estudante Etelvino Goes Filho.

ações próprias. Segundo GOHN (2006, p. 4), a educação não formal “dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de auto valorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos”, aguçando assim “o desejo de lutarem para ser reconhecidos como iguais (enquanto seres humanos), dentro de suas diferenças (raciais, étnicas, religiosas, culturais)”.

Muitos dos ensinamentos e saberes desenvolvidos no samba do roda estão assentados em suas músicas, em suas canções, o que atesta a importância da oralidade no interior dessas comunidades, onde muitos dos mestres e mestras não concluíram os estudos. Dona Nicinha, por exemplo, se quer concluiu o primário. Teve que, com apenas onze anos, deixar os estudos para ajudar sua mãe. Isso não impediu, no entanto, de continuar envolvida em outros processos educativos, de onde advém sua sabedoria ancestral. Foi, por meio do samba de roda, que ela conseguiu, aos poucos, reconhecimento social, o que a permitiu romper com parte dos obstáculos que, comumente, acaba sendo impostos contra a maioria das mulheres negras da sua época, principalmente as que estavam inseridas em circuitos religiosos e culturais de matrizes africanas. Sobre esse aspecto, Dona Nicinha revelou que “antigamente sambava com amor, por prazer. Em troca de comida, licor, batida. Começava as oito horas da manhã e ia até oito horas do dia, era só comida. Hoje em dia, a gente samba para ganhar uns trocados”.

Segundo BOURDIEU (1970, p. 105)

o sistema de produção e circulação de bens simbólicos define-se como o sistema de relações objetivas entre diferentes instâncias definidas pela função que cumprem na divisão do trabalho de produção, de reprodução e de difusão de bens simbólicos. O campo de produção propriamente dito deriva sua estrutura específica da oposição - mais ou menos marcada conforme as esferas da Vida intelectual e artística- que se estabelece entre, de um lado, o campo de produção erudita enquanto sistema que produz bens culturais (e os instrumentos de apropriação destes bens) objetivamente destinados (ao menos a curto prazo) a um público de produtores de bens culturais que também produzem para produtores de bens culturais e, de outro, o campo da indústria cultural especificamente organizado com vistas à produção de bens culturais destinados a não-produtores de bens culturais ("o grande público") que podem ser recrutados tanto nas frações não intelectuais das classes dominantes ("o público cultivado") como nas demais classes sociais.

É o erudito e o popular que nesse campo de produção de bens simbólicos vão se difundindo e, assim, ganham um valor mercadológico e sua valorização pelo mercado cultural e *status*, levando a tais objetos artísticos e culturais a um grupo de

consumidores. Nas produções eruditas (ditas elitistas), as expressões encontram-se orientadas para os produtores. Já a indústria cultural, a qual Dona Nicinha encontra-se inserida, não existem produtores, uma vez que as expressões artísticas são direcionadas para o público. Nesse sentido, em decorrência do poder econômico dos produtores e das produções que estão sendo direcionadas a elas, a concorrência acaba sendo desleal, perdendo assim a cultura popular.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É através de um novo ideal e da ampliação do conceito de educação que se pode perceber a importância do papel pedagógico que Dona Nicinha vem desempenhando através do samba de roda na região do Recôncavo Baiano. Mulher negra, de pouco estudo, o samba de roda a permitiu transgredir socialmente, rompendo com os obstáculos impostos pela sociedade. Foi, por meio dessa personagem, que procurei abordar a relação entre cultura popular, principalmente a desenvolvida distante dos centros de ensino mais clássicos, e a educação. Matriarca e mestra, Dona Nicinha, por meio do samba do roda e adotando métodos lúdicos que possuem enorme potencial, vem ensinando, entre outras coisas, a importância da ancestralidade e da memória negra para diversos sambadores e sambadeiras do Recôncavo. Na roda, o seu espaço educativo por excelência, se aprende com a diversidade. Tal como aponta GOHN (2007, p. 76), “o novo Brasil da educação não formal representa folego renovado para as culturas esquecidas; esperança de aprendizagem para os jovens carentes; diálogo social para a construção de saberes e abolição dos preconceitos”.

Na entrevista que realizei com D. Nicinha, sua alegria ao conversar sobre o samba de roda e a sua importância em sua vida, estava estampada no seu rosto, no seu sorriso largo. É a imagem do seu sorriso em minha mente e, até mesmo, emocionado que concluo esse estudo sobre o processo educativo da maior ícone do samba de roda da Bahia.

## REFERÊNCIAS

- AFONSO, Almerindo Janela. Sociologia da educação não escolar: reatualizar um objeto ou construir uma nova problemática?. In: ESTEVES, Antonio J.e STOER, Stephen R. **A sociologia na escola**. Porto: Afrontamento, 1989.
- BAHIA. Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC. Festa da Boa Morte. Cadernos do IPAC, 2. Salvador: Fundação Pedro Calmon, IPAC, 2011.
- BRANDÃO, Carlo ReRodrigues. o que é educação / Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo: Brasiliense, 2013. --(Coleção primeiros passos;20)
- BELLE, Thomas J. Formal, nonformal and informal education: a holistic perspective on lifelong education. *International Review of Education*, v. 28, p. 159-175, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico: Rio de Janeiro: BertrandBrasil, 2000.  
Freitas, Sonia Maria de. História oral: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanistas/FFLCHUSP: Imprensa oficial do Estado,2002.
- CORDEIRO, Dayse; PARCERO, Maria Lucia. SAMBA, CACHAÇA E VIOLA: PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA LINGUÍSTICA EM FORMA DE CANÇÃO. Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Nº 28 | Ano 17 | 2018.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 48ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).
- FREIRE, Paulo, 1921-1997. 75 ed. Pedagogia do oprimido/Paulo Freire. – 75. Ed. Rio de Janeiro/são Paulo: Paz e Bem,2020.
- Fontes históricas / Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). 3.ed., 5ª reimpressão.— São Paulo : Contexto, 2020.
- GRAEFF, N. Os ritmos da roda: tradição e transformação no samba de roda. Salvador: EDUFBA, 2015.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- GOMES, F.; ROSA, L. Os processos de protagonismo de mulheres negras no recôncavo da Bahia: O samba de roda como mediador das relações cotidianas. *Revista Olhares Sociais/PPPG/UFRB*, v.2, 2014.
- GONÇALVES, Elisa de Almeida. Nicinha do Samba e a manutenção do samba de roda no Recôncavo Baiano / Elisa de Almeida Gonçalves. – 2018.
- COHN, Maria da Gloria. Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor/Maria da Gloria Cohn. – 5. Ed. – São Paulo: Cortez,2011.

GOHN, Maria Glória. Não-fronteiras: universos da educação não-formal. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

Projeto Mulheres do Samba de Roda, Santo Amaro, Bahia-2015.

PROJETO Sambadores e Sambadeiras do samba, Santo Amaro – 2015

RUBIM, Antonio Albino Canelas Rubim. Agentes Culturais: Delimitações e contextos de atuação. Texto para o Programa de Formação e Qualificação de Agentes Culturais. Salvador, 2017.

SAMBA de Roda do Recôncavo Baiano- Brasília, DF: Iphan, 2006.Dossiê IPHAN, Samba de Roda do Recôncavo Baiano. Pessoas, de letras e palavras. São Paulo: Editora UNESPE, 2005.

SANTOS, Guilherme Alexandre. O SINCRETISMO RELIGIOSO DO CANDOMBLÉ E A IGREJA CATÓLICA NO BRASIL - Acadêmico do 8º período do Curso de Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe- Sergipe,2020.

SIMSON, O. R. M. V.; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (et al.). Educação não formal: um conceito em movimento. In: Visões singulares, Conversas plurais. São Paulo, 2007.

SOUZA, Eduardo Conegundes de. Roda de samba: espaço da memória, educação não-formal e sociabilidade. 2007. 208f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

VENTOSA PÉREZ, Víctor J. Intervención socioeducativa. 2. ed. Madrid: CCS, 1999. Visões singulares, conversas plurais / textos de Olga Rodrigues de Moraes von Simson, Margareth Brandini Park, Renata Sieiro Fernandes, Mario Sergio Cortella, Rita Amaral, Ecio de Salles, Sebastião Soares, Carlos Rodrigues Brandão; Ilustrações de Andrés Sandoval e Mariana Zanetti. – São Paulo : Itaú Cultural, 2007. – (Rumos Educação Cultura e Arte, 3) 112 p. : il. color. ; 21 cm x 24 cm.